

Memória e inconsciente coletivo no filme “Sonhos” de Akira Kurosawa¹

Júlio Sá de Carvalho Rocha²
Manuela Monteiro de Oliveira³
Gabiella Aguiar Rocha Pires⁴
Ranna Lourenço Alves de Medeiros⁵
Renata Maria Victor⁶

Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco, PE

RESUMO

Este trabalho busca estabelecer a relação entre a perspectiva da memória coletiva de Maurice Halbwachs, com as narrativas dos curtas da coletânea do filme Sonhos (1990), de Akira Kurosawa. A importância do filme de Kurosawa é mostrar como as relações sociais e a construção dos símbolos culturais enraizados no cotidiano, acabam por fazer parte do ser mais profundo, constituindo-se como tela mental importante de nossas memórias.

Palavra-chave: Memória Coletiva; Kurosawa; Sonhos; Cultura Japonesa; Inconsciente coletivo.

Somente uma pequena parte das experiências humanas são retidas na consciência e, por sua vez, são sedimentadas e consolidam-se na lembrança, como entidades reconhecíveis e capazes de serem lembradas. Esta sedimentação é o que proporciona ao indivíduo dar sentido à sua biografia. A sedimentação intersubjetiva também ocorre quando vários indivíduos participam de uma biografia comum, cujas experiências se incorporam a um acervo, formando um estoque de conhecimento simbólico que pertence a vários sujeitos (BERGER; LUCKMANN, 2014).

O universo simbólico compartilhado, também ordena o ritmo da história, à medida em que organiza os fatos coletivos num todo coerente, que inclui o passado, o presente e

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Cinema, audiovisual e interdisciplinaridade”, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² – Estudante do curso de Lic. em História – UNICAP, e-mail: Julio.00000852253@unicap.br

³ – Estudante do curso de Lic. em História – UNICAP, e-mail: manuela.2020206808@unicap.br

⁴ – Estudante do curso de Psicologia – UNICAP, e-mail: gabriella.00000829754@unicap.br

⁵ – Estudante do Curso de Serviço Social, - UNICAP, e-mail: ranna.2020203646@unicap.br

⁶ – Professora do Curso de Fotografia – UNICAP, e-mail: renata.victor@unicap.br

o futuro. Sobre o passado, estabelece-se uma memória compartilhada pelos indivíduos quando socializados na coletividade. Em relação ao futuro, contribuiu para estabelecer um quadro de referência comum, para projeção de ações individuais. Assim, o universo simbólico da memória compartilhada coletivamente, liga os homens com seus predecessores e seus sucessores numa totalidade dotada de serviço (BERGER; LUCKMANN, 2014).

Este trabalho tem por objetivo trazer algumas reflexões conceituais sobre o filme “Sonhos” (1990), de Akira Kurosawa, especialmente na dimensão do contexto social da memória, como um produto da história coletiva. Metodologicamente consiste em apresentar primeiramente um resumo dos 8 filmes/curtas que compõem “Sonhos”, e, em seguida, relacioná-los com conceitos e “memória coletiva” de Maurice Halbwachs.

Nascido em Tóquio em 1910, e falecido em 1998, Akira Kurosawa foi um importante diretor de cinema japonês. Lembrado por construir narrativas complexas e utilizar técnicas inovadoras, Kurosawa trouxe para a tela do cinema obras que provocam reflexões profundas acerca da condição humana, equiparando-as no contexto da realidade sociocultural em que os indivíduos se encontram. Ao longo de sua carreira, Kurosawa dirigiu mais de trinta filmes. Algumas de suas obras mais conhecidas são “Trono Manchado de Sangue”(1957) , “Yojimbo”(1961), “Ran” (1985) e “Sonhos” (1990). Com sua estética visual própria e narrativa fantástica, Kurosawa ganhou mais de 70 prêmios, em vários países que reconheceram a qualidade diferenciada de seus filmes.

O filme **Sonhos**, ou **Yume**, lançado em 1990, e dirigido por Akira Kurosawa, é um filme que se trata de 8 histórias antológicas, cada uma narrando um sonho diferente, tidos pelo próprio Akira Kurosawa. Sonhos esses que refletem as experiências do diretor com a cultura e tradição japonesa.

O primeiro sonho, denominado de “**Um raio de sol através da chuva**”, trata-se de um garoto que foge de casa para presenciar em segredo o casamento das raposas *kitsunes*- 狐, como são chamadas em japonês, contrariando a vontade de uma mulher, provavelmente sua mãe. O garoto, porém, é descoberto pelas raposas, que se sentem ofendidas pela sua presença no casamento, exigindo que o jovem cometa suicídio para reparar suas transgressões, sendo então impedido de retornar a sua casa, até que tire sua própria vida, ou, consiga o perdão das kitsunes.

O segundo sonho, “**O jardim das pessegueiras**”, envolve um festival chamado de *Hinamatsuri* (o festival das bonecas), comemorado no dia 3 de março, marcando o início da florada das pessegueiras. Um dos principais aspectos do festival são os altares aonde se colocam bonecas representando o imperador, a imperatriz, e outros membros da corte real japonesa, vestindo roupas tradicionais do período *Heian* do Japão (794-1185).

De volta ao sonho, um garoto (diferente daquele do sonho anterior), lamenta o fato de seus pais terem cortado todas as pessegueiras de sua propriedade, e de que não poderá vê-las florando durante o *Hinamatsuri*. Ao ver uma menina saindo pelo portão da frente de sua casa, o jovem a segue e acaba se deparando com as mesmas bonecas tradicionais, que são expostas nos altares durante o festival, porém, agora com vida, como se fossem seres humanos. Estas estão diante do jardim onde as antigas pessegueiras foram podadas, e repreendem o menino por sua família ter cortado as árvores. No entanto, ao verem quanto o garoto não concordava com a atitude de seus pais, as bonecas decidem presentear-lo com uma última vista das flores, em uma lenta e bela dança.

No terceiro sonho, chamado de “**A tempestade**”, acompanhamos um grupo de alpinistas que tentam alcançar o acampamento mais próximo, porém estão diante de uma forte nevasca. Em um determinado momento da história, os homens não aguentam mais prosseguir e desmaiam devido ao cansaço e a força da tempestade. Gradualmente o grupo começa a ser coberto pela neve, e estão quase se entregando à morte. De repente, uma misteriosa entidade do folclore japonês, conhecida como *Yuki-Onna* (mulher da neve), apresenta-se diante do líder dos alpinistas e começa a tentar seduzi-lo para a morte; porém, este resiste aos seus encantos. Sem sucesso, a entidade desaparece e no mesmo instante a tempestade cessa. Vendo agora que o acampamento está apenas alguns metros à frente, o líder resgata o resto do grupo, e todos conseguem partir sem nenhum empecilho à sua frente.

Em “**O túnel**”, quarto sonho, um indivíduo ex-combatente, vestido em sua roupa de soldado, retorna à sua casa após a guerra, e para isso precisa atravessar um túnel para chegar a seu destino. O túnel em primeiro momento lembra um Túnel normal, mas se mostra como um lugar onde o protagonista tem um reencontro com eventos traumáticos, ao ser confrontado com espíritos de soldados que seriam seus companheiros mortos na

guerra, revelando-se memórias de tudo que vivenciou durante a guerra. A narrativa pode ter diversas interpretações, mas, de maneira geral, pode significar a transição entre diferentes fases da vida, a superação de desafios ou a exploração de emoções e memórias reprimidas.

O quinto sonho chama-se **“Corvos”** e inicia-se com o protagonista visitando uma exposição do artista holandês Van Gogh. Neste segmento, somos transportados para um mundo onde o personagem sonha em fugir. Há de maneira fantástica a travessia entre o real e o sonho neste fragmento do filme. No caso, esse momento acontece quando o protagonista adentra nas paisagens outrora pintadas por Van Gogh, mostrando que o mesmo nutre uma admiração pelo artista e o procura por boa parte do sonho. E ao encontrar Van Gogh se mostra incomodado pela perda de seu tempo conversando, enquanto deveria captar uma cena. E incentiva o artista a fazer o mesmo.

No sonho, os corvos são representados como criaturas misteriosas e simbólicas, que parecem ter um propósito maior na vida do jovem. O contraste entre a floresta escura e sinistra, e os corvos negros voando sobre a mesma, proporciona uma imagem perturbadora. Possibilita refletir sobre nossos próprios desejos e anseios, transportando-nos para um mundo de beleza e arte.

“Monte Fuji em Vermelho” é o sexto sonho. Neste, um vulcão entra em erupção e ameaça destruir uma aldeia próxima, enquanto seus habitantes se preparam para o pior. Esse sonho aborda a fragilidade da vida humana diante das forças da natureza e a necessidade de que devemos aceitar a mortalidade.

O sétimo sonho é **“O Demônio que Chora”**. Este sonho, que mais se assemelha a um pesadelo, apresenta um cenário ambiental desastroso, após a sequência do **“Monte Fuji em Chamas”**. Ali, o mundo encontra-se transformado do ponto de vista ambiental, e a flora sofreu o efeito da catástrofe, produzindo, então, uma mutação. Um homem depara-se com um demônio que chora lágrimas de fogo, e este lhe conta que, o motivo de ter se tornado demônio, tem a ver com sua ganância avassaladora. Então, o protagonista recebe um aviso que o mundo está em perigo, devido à negligência ambiental. Esse sonho faz um alerta sobre a destruição ambiental e a importância de cuidar do planeta.

Finalmente, no oitavo e último sonho, **“Vilarejo dos Moinhos”**, nos é apresentado um cenário rural, em que um viajante se depara com um pacato vilarejo que

renunciou à tecnologia e seus malefícios, onde as pessoas ali estão vivendo em harmonia com a natureza, livres da poluição, do estresse e longe das influências do mundo moderno. A vila tem um moinho que é o centro de todas as coisas, representando a fonte de vida daquele lugar. Seus moradores prezam a solidariedade.

A história se desenrola de maneira sensível, explorando principalmente o tema da importância da vida em comunidade. Avisado de que a tão aguardada primavera, esperada pelos moradores, é um momento perigoso, o jovem encontra-se na vila com personagens interessantes e seus dilemas, no decorrer do sonho, enquanto o moinho de água continua girando.

Em conversa com um ancião local, o jovem viajante fica intrigado com o estilo de vida que os habitantes dali levam. Ele também houvera reparado, ao entrar na vila, que as crianças colhiam flores e as colocavam sobre uma pedra. O ancião o explica que, há muito tempo, um homem havia morrido depois de muito sofrer; e, então, a partir de sua morte, tornou-se uma tradição colher flores e as colocar sobre a pedra em que foi sepultado. Em seguida, o rapaz depara-se com uma procissão que acompanha o funeral de uma mulher. Porém, ao invés das pessoas estarem de luto e se lamentando, elas estão felizes e celebrando numa grande festividade, o que consideram o fim de uma vida bem vivida. No final, o viajante repete o mesmo gesto de colher flores e as colocar sobre a pedra, costume que presenciara ao chegar naquele vilarejo, despedindo-se do lugar para seguir seu rumo. Esse sonho discorre acerca da fugacidade da vida e a importância de valorizar o momento presente.

O filme “Sonhos” consiste em mostrar para o público da geração presente, linguagens e crenças vividas no Japão, numa época em que Kurosawa era criança, apontando a ressonância da inculcação daquelas narrativas, por vezes até assustadoras, que repercutiram na sua subjetividade infantil, e na de outros de sua geração, oportunizando sensações que, possivelmente, hoje não denotam mais o mesmo sentido. De qualquer forma, as tradições existiram e pertencem ao domínio coletivo, sendo importantes conhece-las, mas, constituem-se como objetos apropriados diferentemente pelas gerações e pela individualidade dos sujeitos. Como tais objetos estão no domínio comum da sociedade, como uma entidade de cultura singular que é a do Japão, o público pode acessá-los através do filme “Sonhos”, mesmo que isso proporcione um esforço para gerações do presente e do passado, em se reconhecerem nesse repositório

simbólico da memória coletiva, o qual é algo que lhes pertence e os envolve simultaneamente, quer tenham consciência ou não.

Ao tratar da memória humana como acontecimento coletivo, Halbwachs (1990, p. 25), escreve exemplificando que, quando encontramos um amigo que a vida separou, teremos a dificuldade de lembrar coisas em comum; mesmo fazendo todo um esforço para evocar circunstâncias que cada um se lembra, ainda que elas se relacionem aos mesmos eventos. Os fatos passados não têm mais a mesma importância, pois não acreditamos revivê-los com intensidade, por não estarmos mais sós para representá-los. Apesar dessas dificuldades de relacionarmos as lembranças pessoais com a dos outros, Halbwachs (1990, p. 26) considera que as nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais somente nós estivemos envolvidos. Isso acontece porque nunca estivemos sozinhos, há sempre testemunhas.

Importante também considerar que, quando aborda os limites entre a memória pessoal e coletiva, Halbwachs (1990, p. 49) afirma que, comumente nos limitamos a pensar que nosso passado compreende duas espécies de elementos: aqueles que nos é possível evocar quando queremos; e aqueles que, ao contrário, não atendem ao nosso apelo, logo que o procuramos no passado, parecendo que nossa vontade tropeça num obstáculo. Isso dá a entender que as lembranças próprias, ou individuais são as de mais fácil acesso. Porém, para o autor, estabelecemos aí uma falsa interpretação. Os primeiros, os elementos do passado facilmente lembrados, são precisamente aqueles que estão no domínio comum, no sentido em que nos é assim familiar, e, por isso mesmo, mais acessíveis. Neste sentido, é que as lembranças estão para “todo mundo” (grifo do autor), e pelo fato de podermos nos apoiar na memória dos outros é que somos capazes, a qualquer momento, e quando quisermos, de lembrá-los. Os segundos, aqueles que não podemos nos lembrar à vontade, esses é que não pertencem aos outros, mas a nós, porque ninguém além de nós pode conhecê-los. Por mais paradoxal que possa parecer, afirma Halbwachs (1990, p. 49), as lembranças que são as mais difíceis de evocar são aquelas que não concernem senão a nós, que constituem o bem mais exclusivo e que não escaparam para os outros.

O filme “Sonhos” trata não apenas da memória coletiva subjetivada na consciência do diretor Kurosawa, e que se encontra no passado de uma geração da qual

ele faz parte; mas, também mostra a experiência de protagonistas que experimentam costumes culturais diferentes e mais tradicionais, fazendo parte do mesmo momento histórico. Isso ocorre quando indivíduos, com suas consciências particulares, se deparam com grupos, cuja memória coletiva se apresenta com suas maneiras de ser e de fazer habituais, com modos de vida “parados no tempo”, em relação à história do Japão do tempo presente onde se encontram, e onde certos costumes já desapareceram. Considere-se como exemplo, aquilo que acontece com o viajante do filme *Vilarejo dos Moinhos*. Ao tratar sobre a memória coletiva e memória histórica, Halbwachs (1990, p. 119) aborda a importância de se considerar a compreensão de duração do tempo, seja nas sociedades ou comunidades. Segundo ele, o tempo não é diferente numa cidade ou num vilarejo. O tempo é aquilo que deve ser dentro de um grupo desses, e para essas pessoas cujo pensamento assumiu uma conduta conforme as necessidades e tradições habituais. O tempo é o que sempre foi, nem algo muito rápido ou muito lento.

O inconsciente de Akira Kurosawa que se revela no filme *Sonhos*, não mostra coisas apenas da infância instintiva e criminosa da primitividade humana, mas também aspectos daquilo que é bom, belo, necessário e sensato para realização de nossa alma. Para Jung (2022, p. 29), o inconsciente não é um monstro demoníaco. É uma entidade da natureza, indiferente do ponto de vista moral e intelectual, que somente se torna perigosa quando nossa consciência o ignora.

REFERÊNCIAS

- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 36 ed. Petrópolis; Vozes, 2014.
- HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JUNG, C. G. **O indivíduo moderno em busca de uma alma**.
- Sonhos**. Direção Akira Kurosawa. Japão: Warner Bros, 1990. 1 DVD (119 min)
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. (s.d.). **Halbwachs: memória coletiva e experiência**. Instituto de Psicologia - USP.